

Sandra Patrícia de Jesus da Silva

Licenciada em Antropologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, e desde 1998 é colaboradora do Museu Nacional de Etnologia, onde desenvolve trabalho na área do estudo, inventário e informatização de colecções etnográficas e na área do serviço educativo.

VISITA GUIADA: UMA EXPRESSÃO DA DIMENSÃO EDUCATIVA

Sandra Patrícia de Jesus da Silva

Resumo

Partindo da ideia que uma das funções do museu é educar, o objectivo é abordar a visita guiada como uma expressão da dimensão educativa do museu, no contexto dos serviços educativos.

A escolha deste tema tem que ver com o facto desta ferramenta de mediação ser a mais comum e aparentemente consensual, entre a diversidade de iniciativas anunciadas pelos serviços educativos, e com a percepção generalizada que a visita guiada é o serviço mínimo que o museu anuncia poder garantir mesmo perante uma equipa de serviço educativo reduzida ou inexistente.

O poster procura chamar a atenção para a necessidade de se definirem princípios e métodos de trabalho para o exercício daquela abordagem de mediação directa com o público, com vista a favorecer o papel educativo do museu e, por conseguinte, a sua relevância social.

Palavras-chave: Visita Guiada, Público, Educação, Articulação de Parceiros

Abstract

Following the idea that one of the functions of the museum is to educate, the main focus is to approach the guided tour practice as an expression of the museums educative dimension in the context of the educational services.

The choice of this theme as to do with the fact that guided tour is the activity most common and apparently consensual among the diversity of initiatives announced by educational services and with the general assumption that guided tour is the minimum service that the museum announces to be able to guarantee even without or with a reduce educational services team.

This poster aims to draw attention to the need of defining principles and methods for the practice of this direct mediation with audience, and at the same time improving the educative action of the museum and, therefore, its social relevance.

Keywords: Guided Tour, Audience, Education, Articulation Partners

VISITA GUIADA uma expressão da dimensão educativa

autoría: Sandra Silva

OBJECTIVO: Apontar uma política de gestão para a realização de visitas guiadas – um dos campos da dimensão educativa dos museus e de relação mais directa com o público.

O **museu é um pólo de conhecimento** pelo facto de ser guardião de testemunhos de culturas e pelas interpretações e acções que fabrica a partir daqueles. A **sua relevância social** é determinada pela **capacidade que tem em participar activamente e de forma diferenciada no processo educativo dos cidadãos**.

A **visita guiada é uma ferramenta que serve para educar**, e a sua prática deve ultrapassar a exclusiva comunicação de saberes ou ainda o estatuto de préstimo mínimo, garantido por equipas de serviço educativo (muitas vezes reduzidas e instáveis) ou, na ausência destas, por outros sectores.

Neste sentido, **o serviço educativo deve ser envolvido em todo o processo de montagem da exposição, favorecendo assim um conhecimento atempado e detalhado da temática em destaque e, por conseguinte, uma capacidade discursiva capaz de atingir públicos diversificados e alargados**.

É igualmente necessário relembrar o papel educativo do museu à luz do **conceito de educação**: 1) um processo que admite as aptidões, as singularidades e a autonomia do indivíduo, e que desafia à experimentação e à criatividade; 2) decorre ao longo de toda a vida. Desta forma também se altera a **noção de público** – agora mais abrangente e em constante transformação – pelo que o museu deve sempre ponderar os vários níveis de acessibilidade de qualquer iniciativa, de acordo com os públicos que se propõe atingir.

A visita guiada proporciona uma leitura sequencial de determinados conteúdos, devendo procurar formular um discurso aberto, permeável, próximo do conceito de educação; educar é partilhar um conhecimento, mas é fundamental fazê-lo à medida de cada um, fomentando a interacção, o diálogo, o pensamento crítico.

A **leitura de uma realidade decorre da interpretação pessoal, pois os bens culturais não se revelam por si próprios**, e obviamente que essa interpretação varia conforme os tipos de público.



A VISITA GUIADA DEVE:

- 1) estabelecer pontos de **encontro entre a realidade do público e a temática em destaque**, convidando à interpretação, à comparação de realidades, à formulação de questões e comentários;
- 2) atender aos ritmos e formas diferentes com os quais os visitantes conhecem e fruem as colecções, **explorando o mundo das emoções, da subjectividade**;
- 3) permitir a **flexibilidade dos percursos**, desejando-se por isso que todas as visitas sejam **diferentes, singulares, únicas**.

ASPECTOS DA GESTÃO DA VISITA GUIADA:

- 1) **Planear a visita desde o início da proposta expositiva em paralelo e em articulação com a equipa envolvida no projecto**. Isto tem que ser defendido pela direcção do museu e pelo serviço educativo – este sector é um dos que tem contacto mais directo com o público.
- 2) **Definir e conhecer em concreto o público-alvo**, (pois *público em geral* é uma categoria demasiado ampla), recorrendo também ao estabelecimento de parcerias com entidades próximas desses visitantes, com vista a uma actuação mais adequada junto daqueles.
- 3) **Definir objectivos concretos e respectivas práticas de actuação**, seleccionando espaços, percursos, objectos, temas, aspectos logísticos que vão ao encontro e inclusivamente superem as expectativas do público-alvo.
- 4) **Definir práticas de registo e de avaliação que incentivem a investigação e a divulgação das abordagens feitas**. Desta forma conseguimos legitimar e melhorar a nossa acção e saber se o trabalho desenvolvido alcançou os efeitos pretendidos.
- 5) **Constituir equipas estáveis** de serviço educativo que possibilitem o desenvolvimento dos itens referidos e, por conseguinte, a implementação e legitimação de metodologias de trabalho.
- 6) **Apostar na profissionalização e na formação contínua dos técnicos**.

Em suma, as visitas guiadas são um campo de actuação que não pode ser descurado pelo museu nem pelo serviço educativo. Enquanto abordagens que permitem o contacto directo com o público, devem decorrer da definição e da gestão de uma metodologia própria de trabalho e devem ser realizadas por técnicos conscientes da sua importância e dos desígnios do conceito educação. Desta forma o museu pode assegurar a sua relevância social, desempenhando um papel activo e consciente no processo educativo dos seus visitantes mas também dos profissionais da museologia.

Imagens

Aspectos de visitas guiadas realizadas no Museu Nacional de Etnologia. Fotógrafo: António Rento.

Sandra Silva | imnethologia.sandra@imc-jo.pt

MARTINHO, Teresa Duarte. *Agresstar e arte: estudo sobre monitores de visitas a exposições*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 2007. (Docs – Documentos de trabalho 9)

MENDES, José Amado. "O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências actuais" in *Separata de Revista DIDASKALIA*, Vol. XXIX, 1999, fascículos 1 e 2, pp. 687-692

SILVA, Sandra. "Uma abordagem à experimentação e à criatividade pelo Serviço Educativo do Museu Nacional de Etnologia". *Conferência Nacional de Educação Artística* (29, 30 e 31 de Outubro), Porto: Ministério da Cultura, Ministério da Educação e Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2007.

SOARES, Vera, BIANCONI, M. Lucia e PONS, Mónica. "Espaços não-formais de ensino e o currículo de artes visuais". *Ciências da Cultura*, São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Universidade Estadual de Campinas, 2003, Vol. 57, n.º 4, pp. 21-23

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mária. "Museus como laboratórios" in *Revista museu* – *Cultura levada a sério*, Rio de Janeiro: Clube de Ideias Comunicação e Sistemas Ltda, 2004.

BRUNO, M. (11 de Setembro) *Leção: Instituto Português de Museus, Centro Cultural de Belém*, 2001

FARIA, Margarida Lima de. "Educação – museus – educação" *Projecto: Museus e Educação*. Lisboa: Instituto de Inovação, 2000

HOOPER-GREENHILL, "Museum education: past, present and future". *Towards the museum of the future*, (coord. por Roger S. Miles, Laura Zavala). London: Routledge, 1994, pp. 133 a 146

LEITE, Maria Isabel. "O Serviço Educativo dos museus e o espaço imaginativo das crianças" in *Pro-Posições*, Vol. 15, n.º 1 (43), São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2004, pp. 121-127

SÃO PAULO. "Os museus e as escolas: da visita turística à visita de descoberta". in L'UFWIN. *Estih (org) et al. Tecnologia educacional. Políticas, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, pp. 169-191

